

O SER FEMININO EM DESENHOS ANIMADOS: CONSTRUÇÃO DE REPRESENTATIVIDADE E EMPODERAMENTO NA INFÂNCIA

Maria Eduarda Rodrigues Fernandes de Araújo ¹

RESUMO

O estudo propõe analisar a conexão entre a linguagem audiovisual, desenho animado, e a socialização do ser feminino para a construção da representatividade e do empoderamento na infância. Por entender a presença massiva desse tipo de comunicação foi realizada pesquisa teórico e metodológico em torno de indicativos do que torna a ser o feminino e quais são suas representações em algumas das produções infantis mais consumidas pelo público, evidenciando, os contextos sociais, culturais, políticos e históricos aos quais essas obras correspondem. A partir da abordagem de uma pesquisa qualitativa, deu-se a realização de entrevista semiestruturada com meninas e mulheres de diferentes idades, onde coube a análise de algumas das obras citadas pelas entrevistadas em intersecção com suas idealizações do tipo de feminilidade presentes nessas, e como contribuem para a construção e solidificação do empoderamento na infância. Assim, foi possível identificar disparidades e semelhanças no que diz respeito aos estereótipos de gênero existentes nas obras, bem como, compreender os pequenos reencontros sócio afetivos nos quais as entrevistadas se sentem representadas dentro dos contextos de temporalidade dos desenhos animados. Onde a discussão se atém aos formatos de representações de grupos femininos no geral e em suas minorias e as dimensões políticas, afetivas e sociais as quais as personagens femininas atingem nos enredos audiovisuais.

Palavras-chave: Desenho Animado, Representatividade, Empoderamento, Feminino, Infância.

INTRODUÇÃO

A infância se constitui como uma das partes mais importantes da formação humana, onde o ser se torna sujeito, de direitos e pensamentos, tendo em vista a sua cidadania, consolidação de caráter e poder de criticidade perante a sociedade. Que por sua vez, são baseados nas suas vivências sociais, políticas e ideológicas, como observado por Maria Ângela B. Carneiro (2004), quando compõe o pensamento de que, mesmo enquanto cronologicamente a infância seja precedente a fase adulta, é nesse momento que a vida do indivíduo se permeia de significações ideológicas, determinando seu papel na sociedade num futuro próximo. E mesmo que essa atuação sociocultural seja mutável, o ser social contribui e recebe contribuições de grupos comuns e incomuns a sua perspectiva de poder e sociedade.

É possível distinguir então, a potencialidade da esfera social, nas vivências subjetivas da infância, e para as dinâmicas da vida adulta. Mas, a que tipo de sociedade as infâncias

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, estudosmad@gmail.com ou maddu.araujo@ufpe.br ;

estão atreladas, é uma questão central e determinante a formação sociocultural do indivíduo na era da tecnologia. Em que, a acessibilidade e o tempo que as crianças e adolescentes ficam em frente às telas permite compor, também, uma sequência de sentidos e significados, como visto por Lemish (2015, p. 4), que debate a vulnerabilidade de interpretações na infância e a partir da visão da ingenuidade considera o poder de persuasão das mídias sobre os infantes.

Inserido nessas dinâmicas de poder midiático e produção de conteúdos, estão as análises sobre recortes e representações sociais qualitativas. No caso desta pesquisa, o recorte apontado se refere ao protagonismo e representação feminina dentro do consumo midiático nas infâncias, mecanismos de controle e estereotipação por meio de desenhos animados, produzidos pelas instituições e indústrias de poder, dado que Mendes e Siqueira (2018) ponderam como parte de modelos difundidos para a manutenção de uma sociedade que ainda tem por função dividir indivíduos em sexo para discriminar e hierarquizar as representações femininas. Sendo assim, a temática da pesquisa advém da primordialidade de diversificação da imagem feminina nas linhas de exploração e aplicabilidade da comunicação audiovisual, os encontros e desencontros da representatividade atendidos pelas personagens em tela.

De forma que, o trabalho foi apoiado num primeiro momento em coletar teorias e pensadores que abordam o tema, sendo alguns deles Carneiro (2014), Lauretis (1994), Mendes e Siqueira (2018), Siqueira (2014), Shusterman (2003). E a partir desse alicerce conceitual, foi realizada uma pesquisa semi-estruturada, através do Google Forms, com indivíduos que permeiam e transitam em corpos e identidades femininas de diversas idades, raças e realidades socioculturais e econômicas. O objetivo é tentar entender em quais personagens protagonistas de desenhos animados as entrevistadas se espelham, podendo ser total ou parcialmente, ambientando o impacto da representatividade, de quais características são positivas e negativas em obras abundantemente consumidas. Onde, ficam pertinentes: 1) Caracterização do feminino na sociedade e na mídia; 2) O protagonismo e os estereótipos do feminino em desenhos animados; 3) A diversidade de contextos que envolvem a feminilidade e a importância da representatividade na infância.

O trabalho se constrói em um nível de entendimento da necessidade pluralização da representatividade feminina para a construção do empoderamento de crianças e jovens mulheres nas suas realidades. Prezando pela construção de seres políticos reais, comuns e acessíveis ao campo do imaginário comum. Pensamentos reiterados pelos indivíduos entrevistados, que abordaram situações dialógicas de semelhança a fuga da estereotipagem da feminilidade, em detrimento do consumo da mídia.

REFERENCIAL TEÓRICO

A importância de se pensar o entretenimento como uma atividade planejada, requer a sensibilidade de visualizar que, as ações dispostas a público pelas mídias têm comprometimento com valores e visões de mundo (SIQUEIRA, 2014, p. 80). Em volta disso, cabe meditar, quem e quais são os formadores do conteúdo audiovisual entregue à infância e juventude que os consome, e qual filosofia cultural define os estereótipos de sociedade (SHUSTERMAN, 2003, p.291). Já que, as representações sociais para constituírem direcionamento e visões de mundo, estão pontualmente ligadas ao imaginário do povo (LAURETIS, 1994, p.208).

Assim, ainda permeado pela perspectiva da não inocência nas produções de desenhos animado Mendes e Siqueira (2018) dispõe de:

Ficção inspirada no real, os desenhos dizem muito sobre os papéis de gênero na sociedade, suas representações e ajudam a entendê-los e a questioná-los. A naturalização desses papéis ainda é reproduzida em obras audiovisuais e literárias e legitima estruturas de dominação, mesmo com todas as reivindicações feministas recentes quando personagens femininas passam a dividir um espaço que antes era reservado aos homens, em uma arena de lutas simbólicas. (MENDES; SIQUEIRA, 2018).

Ainda segundo Lauretis (1994), as mídias constituem técnicas e estratégias construtivas por meio das quais flui determinada construção de gênero, consoante com “Assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, ‘o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais’”.

Entre as lutas simbólicas feministas, no decorrer da história mundial e em busca de melhores condições de vida para as mulheres, nasce a luta das representações das “minorias”, termo descrito por Freitas (2022) como parte do projeto hegemônico europeu para estabelecer e reproduzir a lógica binária da subalternização do outro diferente, na ideia de “nós superiores e civilizados *versus* eles inferiores e selvagens” (FREITAS apud MAGALHÃES; ÁLVARES, 2022).

A guerra sociocultural e política, continua a ser travada para inserção das minorias em papéis de protagonismo e poder social, que advém da necessidade de representação de identidades reais, amplamente inferiorizadas e distorcidas. Aqui lê-se a questão da representação dos pontos de vista da sociologia e da psicanálise, que vão trabalhar as

correlações de ordem e causalidade do comportamento de grupos sociais. Através do estudo científico de senso comum no campo da sociologia, a psicanálise extrai materiais para aprofundamento do estudo da psicologia social, que segundo Doise (1985) varia conforme as divergências de contexto das relações sociais. E se traduz na forma de conhecimento social, que é ligada à realidade de grupos sociais, capacitando seus membros para uma visão de conjunto e contribuição direta na formação de sua identidade (ABRIC, 1998; JODELET, 2001).

Portanto, diante do recorte de gênero existe, também, uma teia de outras configurações sociais, entendidas como demandas subjetivas, e são dinamizadas a cada subgrupo que reside fora do padrão feminino, aos condizentes às margem da estética e vivências de corpos e comportamentos sociais delegados ao papel da mulher. Sob o caráter temporal de mudanças do neoliberalismo e dos formatos de consumo, geram-se as modificações dos paradigmas feministas (NANCY FRASER, 2009, p.23). Onde, a autora compõe o pensamento “as mudanças culturais impulsionadas pela segunda onda, saudáveis em si próprias, serviram para legitimar uma transformação estrutural da sociedade capitalista que avança diretamente contra as visões feministas de uma sociedade justa” (2009, p.14). Assim, fugir do que Bourdieu (2007) relata como uma ética e política de corpos docilizados, aos olhos do adestramento da lógica patriarcal, constrói um antagonismo pretensioso por parte das mulheres, e se configura como espécie de motim social. Sem dúvidas necessário a desconstrução do consumismo estereotipado das mídias, com a premissa de dialogar a existência de realidades distintas que se cruzam e representam a subsistência de si e do outro.

Perante toda a efervescência dos movimentos sociais em prol da equidade de gênero, a população infanto-juvenil dá continuidade ao consumo de literatura 1940 em diante, e posteriormente as produções em audiovisual, a partir de 1908, com a primeira produção Fantasmagorie do francês Émile Cohl, conhecido como o pai da animação. Porém, têm-se o campo dos desenhos audiovisuais permeado pelo protagonismo das figuras femininas somente em meados de 1937, com a massificação do desenho animado “Branca de Neve”, pela companhia Walt Disney, marco da era clássica das princesas Disney. Em que, os valores ressaltados na produção eram puramente voltados à estética corporal de beleza e pureza, atendendo a expectativa de um possível casamento, sob a formação moral de Branca de Neve de uma mulher submissa, recatada e bondosa, a faixa etária representada no desenho era de uma menina de 14 anos.

No decorrer dos anos, porém, o audiovisual acompanha as mudanças socioculturais, dinamizam-se, então, os desenhos animados com eixos em torno do ser feminino. Na metade da década de 70, em pleno auge do movimento feminista, é lançada a série, em desenho, da super-heroína Mulher Maravilha (CHACON; COSTA, 2011), possuindo a estória de uma protagonista independente, de identidade amazona (guerreira), com habilidades de força física, imortalidade e destreza em lutas. Que supera diversos dos personagens masculinos da época.

A partir desse momento abrem-se as portas para outros questionamentos. Primariamente, para se pensar uma construção de pluralidade do feminino, já que até o início dos anos 2000, às personagens que protagonizaram os desenhos animados possuíam menor alcance quanto a questões raciais, de sexualidade e inclusão de pessoas com deficiência. Secundariamente, para como tornar essas questões sociais parte do funcionamento de consumo das mídias e produtos de uma nova era da cultura.

METODOLOGIA

O trabalho se fundamenta na busca por meio de uma ótica qualitativa, sendo justificada por intermédio da necessidade de conhecer e conceber quais são os fundamentos e a complexidade presente nas relações de representatividade feminina em detrimento do protagonismo em obras audiovisuais infantis. Onde os sujeitos implicados formam e são formados pela diversidade sociocultural em que estão inseridos, e podem afetar e ser afetados pela arte.

Diante desse pensamento, a conceituação de pesquisa qualitativa fica em:

[...] se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21).

Deste modo, a presente pesquisa aborda em primeira instância a composição do papel das mídias na construção das infâncias e dos protagonismos femininos. Iniciado com o levantamento teórico, de forma a ampliar a extensão a qual essas ocorrências atingem o campo acadêmico, em meio a obras dos sites de domínios públicos, como: Google Acadêmico e SciELO.

Posteriormente, foi gerado um questionário semi-estruturado, a fim de realizar a escuta ativa de sujeitos de pesquisa, mulheres, sobre anseios e espelhamentos dessas em torno da temática, contando uma quantidade ínfima de mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a coleta da bibliografia, intensificou-se o desejo de fazer a escuta de meninas e mulheres reais que estivessem dentro do padrão de consumo de desenhos animados na infância e que tivessem passado pelo processo da construção da representatividade em detrimento de personagens femininas protagonistas. Por meio do questionário semi-estruturado, aplicado de forma remota pelo Google Forms, pude confrontar a teoria com a prática.

A entrevista foi dividida em dois blocos, o primeiro abordando questões de raça, escolaridade e faixa etária das entrevistadas. Que se autodeclararam percentualmente como 42,9% pardas, 15,1% pretas, 42,0% brancas, 0% indígenas ou quilombolas. Em meio a indagação sobre escolaridade, 57,1% das entrevistadas possuem graduação completa, enquanto que, 21,4% conseguiram se estabelecer no ensino médio. As idades variam de 15 a 60 anos.

O segundo bloco de perguntas é o que dá simetria ao trabalho, iniciado pela inquirição da existência, configuração e propagação dos processos de consumo midiático infantil. Onde a primeira questão se refere ao acesso das participantes, com resultados no gráfico abaixo.



Gráfico de acesso ao consumo de desenhos animados na infância. Fonte: Google Forms.

Quando indagadas sobre a possibilidade do padrão de consumo influenciar o comportamento infantil, cerca de 85,7% das entrevistadas optou por confirmar a influência das mídias na vida das crianças da era digital, rememorando a disposição de Mariangela Momo (2007) em relação aos pensamentos de Douglas Kellner (2001) em:

As narrativas e imagens produzidas e veiculadas pela mídia possibilitam a formação de uma cultura comum, ajudam a tecer a vida cotidiana, modelam opiniões, formas de pensar, comportamentos e fornecem parâmetros para as pessoas forjarem suas identidades.

Daí em diante, discute-se, a quem está destinado a entrega massiva de conteúdo midiático, desenho animado, inicialmente pensado como entretenimento infantil e chegando a alcançar o público adulto e permear uma gama enorme de espectadores, pensado por Eco (1994) como o fenômeno da criação de um texto que postula seu destinatário e como condição imprescindível gera potencialidade de significação.

Logo, volta-se a pensar que tipo de representatividade e significação existe nas obras citadas pelos sujeitos pesquisados, ao responderem a questão “Você já se viu em alguma dessas personagens? Elas lhe representam de alguma forma? Se sim, quais personagens e como elas te representaram nos desenhos?”. Os discursos variaram nas citações de obras como “Mulan” (1998) da Disney, representando uma jovem que vai a guerra no ao se caracterizar de homem e tomar lugar de seu pai escondida, no intuito de poupar a família da humilhação em não produzir um soldado forte e saudável para servir a sua nação; “Três espíãs demais” (2001) da emissora Cartoon Network, que retrata a estória de três amigas que são espíãs de uma empresa internacional e aliam suas missões de salvação do mundo as suas vidas cotidianas de aula e socialização; Lilo do desenho “Lilo & Stitch” (2002) dos renomados diretores Chris Sanders e Dean DeBlois, que apresentou a estória de uma garota fora dos padrões de meninas de sua idade que encontra um alienígena e juntos vão desbravar os limites da curiosidade e gerar uma amizade sólida. As presentes ambientações fictícias demonstram o caráter de fuga do estereótipo de feminilidade dócil, antes representado pelas diversas constituições de desenhos sobre princesas delicadas que necessitavam de uma figura masculina para chegarem ao desfecho feliz de suas histórias.

Ao buscar obter características positivas e negativas das obras de audiovisual que se assemelham às vivências das entrevistadas, essas responderam ao questionamento “Por fim, quais características você acha que são fundamentais para uma personagem feminina representar a realidade da mulher na telas?” com discursos como:

“Serem seres humanos normais, não precisam ser um exemplo de mulher, não serem perfeitas. Serem confiantes ou não, inteligentes, mostrem sua fragilidade com orgulho e não vergonha, mulheres fodas que mandam na porra toda, se alguém as machuca elas revidam e depois se cuidam e não dependem de ninguém para nada” Entrevistada 1 (2022)

Ou reforçavam a necessidade de personagens dentro de um espectro de diversidade, em

“Eu acho que o mais importante é a diversidade. Deveria ser permitido que os mais diferentes tipos de personalidades e corpos tomassem o centro das narrativas em desenhos animados. Eu sequer considero que todas as mulheres representadas na tela precisam ser "fortes" (poderosas, confiantes e ousadas) na realidade, eu acho que fraquezas e vulnerabilidades também abrem margem para a identificação. No entanto, é importante que tais defeitos sejam lidados dentro da narrativa com empatia, delicadeza e cuidado. Seus conflitos devem ser tratados com respeito para que jovens meninas possam entender, inclusive, que suas questões merecem respeito das pessoas ao seu redor. Mulheres fortes sem defeitos ou conflitos muitas vezes acabam se tornando personagens vazias na minha opinião.” Entrevistada 2 (2022).

Esses discursos são a concretização de que na fase adulta as consumidoras de conteúdo audiovisual infantil, se sensibilizam com a realidade limitada da representação de mulheres nas obras. Compreendem e desejam a inserção de uma pluralidade estética na massificação de consumo midiático. Porém enxergam representação parcial nas personagens supracitadas, que fornece uma conscientização do ser real, fomentando o processo de empoderamento, descrito por Sardenberg (2009) como:

o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. (Sardenberg, 2009).

Portanto, é necessário a inserção de padrões de empoderamento nas vivências de meninas, para gerar a libertação sociocultural de mulheres, que por muito tempo já foram aprisionadas aos padrões patriarcais do que é ser feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, deste construto são rememorados a intenção de compreender quais características determinavam a padronização da construção de empoderamento feminino na

infância, por meio da representatividade. Que se tornam claras, quanto a possibilidade da pluralização de realidades produzidas através da narrativa estética e histórica de personagens do campo audiovisual em desenhos animados. A inserção de personagens com padrões de estética distintos pode elevar o entendimento de crianças e adolescentes de que suas histórias e vidas são válidas diante da sociedade em que vivem, perpetuando uma estabilidade emocional e psicológica em relação a si e aos outros.

Esse tipo de ação pode ser feito por meio de fomentos estatais dentro do campo da cultura, de iniciativas das criações privadas e de padrões de marketing cultural orgânico em torno do consumo de uma mídia empática e sensível às necessidades dos recortes da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Eds.), **Estudos interdisciplinares de representação social** (pp. 27-38). Goiânia.
- BOURDIEU, PIERRE. **A DOMINAÇÃO MASCULINA**. RIO DE JANEIRO: BERTRAND BRASIL, 2007.
- CARNEIRO, ÂNGELA MARIA. **HUMANIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA COMO FERRAMENTA DE GESTÃO HOSPITALAR EM SERVIÇO PÚBLICO DE SAÚDE**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração pública) - Da Universidade Estadual da Paraíba, [S. l.], 2014.
- Chacon, Pan. Costa, Beatriz da. **La biografía filmica: actas del Segundo Congreso Internacional de Historia y Cine** (2, 2010, Madrid)[cd-rom]. Gloria Camarero (ed.). Madrid: T&B editores, 2011, pp. 1079-1094.
- Doise, W. (1985). **Les représentations sociales: définition d'un concept**. Connexions, 45, 243-253.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Mediações**. Londrina, v. 14, n. 2, p. 11-22, jul./dez. 2009.
- FREITAS, Raquel Coelho de. **Indignação e Conhecimento: para se pensar-sentir o Direito das Minorias**. Fortaleza: Editora UFC, 2020.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Trad. Ivone Castilho Beneditti. São Paulo: EDUSC, 2001.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Ed.), **As representações sociais** (pp. 17-44). Rio de Janeiro: UERJ
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- Lemish, Dafna. **Children and media: a global perspective**. Malden-MA, USA: Willey Blackwell, 2015.
- MAGALHÃES, José Luiz Quadros; ÁLVARES, Lucas Parreira. “Infiltrações: do direito à diferença ao direito à diversidade: construindo uma nova teoria da constituição para o novo constitucionalismo democrático”. In:



WOLKMER, Antônio Carlos et al. (Orgs). **Direito à Diferença e Constitucionalismo Latino-Americano**. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2017, p. 69-90.

MOMO, M. **Mídia e consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Sardenberg, Cecília M. B. **Liberal vs Liberating Empowerment: Conceptualising Women's Empowerment from a Latin American Feminist Perspective**. Brighton: IDS: Pathways of Women's Empowerment, Pathways Working Paper 7, July 2009.